

94/II

**Educação, Cultura e Tradição:
Reflexões sobre a Educação Judaica**

por

Flávia Ester Tendler Leibel

**Monografia apresentada à
Escola de Educação da
Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio)
como requisito parcial à obtenção
do grau de Licenciada em
Pedagogia**

Rio de Janeiro, novembro de 1994

**Universidade do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas
Escola de Educação
Curso de Pedagogia**

**Educação, Cultura e Tradição:
Reflexões sobre a Educação Judaica**

**Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia**

**Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria
Niederauer Tavares Cavalcanti**

**Rio de Janeiro
1994**

Agradecimentos

À professora Rosa, pela orientação recebida, pelo carinho e compreensão dispensados e, principalmente, pelo exemplo de profissional e pessoa que me guiou ao longo do Curso.

À minha família, pelo carinho com que me cerca e, principalmente, pelos valores que recebi ao longo do caminho.

À Professora Anna Rosemberg, pelo interesse e disponibilidade demonstrados na leitura deste trabalho.

Às escolas israelitas pesquisadas e as pessoas que forneceram entrevistas, agradeço a disponibilidade .

Às minhas amigas, Rebeca e Ana Lúcia, pelo carinho e compreensão com que apoiaram e incentivaram minha caminhada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Formulação do Problema	9
Limitação do Estudo	11
Objetivos	11
Questões Propostas	12
Passos Metodológicos	13
Organização do Estudo	13

1. CULTURA E TRADIÇÃO

1.1. A Cultura	15
1.2. A Tradição	22

2. A RELIGIÃO E SEU SENTIDO 24

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELIGIÃO JUDAICA 32

4. ESCOLAS ISRAELITAS E EDUCAÇÃO 38

5. CONCLUSÕES E SUGESTÕES 48

6. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA 50

RESUMO

Esta Monografia reflete sobre a Educação judaica que se fundamenta numa cultura milenar, em suas tradições e crenças religiosas. A identidade do povo judeu, sua filosofia de vida e valores constituem a base de sua educação, realizada dentro e fora do lar. Religião e Cultura judaicas, relacionam-se com a metodologia das escolas israelitas, preocupação maior deste estudo. Apresentam-se características de três instituições educacionais judaicas, mostrando-lhes as diferenças.

INTRODUÇÃO

O papel da Religião é tema rico e jamais suficientemente explorado numa reflexão sobre o processo educacional.

Levando-se em conta que a palavra educar vem do latim *ducere* (*conduzir*), à qual se acrescenta o prefixo *ex*, que lhe dá o sentido de *retirar de dentro, extrair do interior*, torna-se fácil estabelecer a relação entre o ato de educar e a idéia religiosa de encontrar o caminho. A visão religiosa de mundo ensina que o ser humano encontra sua finalidade na condição de peregrino que caminha neste mundo em busca de Deus, seu fim último. O caminho escolhido tem tudo a ver com a perspectiva de cada um, determinada pela maneira de encarar os fins da humanidade, estabelecidos pelas crenças orientadoras da ação educativa, em constante inter-relação com os valores aceitos como verdades a serem cultivadas e transmitidas de geração em geração.

Para a filosofia de educação israelita, a importância da formação plena do indivíduo se dá através da transmissão desses valores. Educar torna-se uma missão complexa, que exige do educador, no mínimo, um saber

constantemente reavaliado. As teorias de aprendizagem não podem ser o único instrumento recomendado, devendo existir, também, uma visão de homem e de mundo bem definidas por valores baseados na Torá, fazendo-se necessária a transmissão desses valores fundamentais de forma a que norteiem a vida no seu sentido de realização humana. Além disto, do ponto de vista mais amplo de educação, não só israelita, mas também, cristã, há que se ressaltar que a formação de verdadeiros cidadãos se dá através da transmissão dos valores, visto ser principalmente no plano dos valores culturais que se pode conseguir a modificação das estruturas sociais injustas.

Na especificidade do judaísmo e de suas tradições, o dever de educar encontra-se dentro e fora do lar, com predomínio da formação moral do educando e da constante busca de justiça.

Como afirma Kummer (s/d), em seu documento **Educação Religiosa Judaica do Rio de Janeiro Através do D.E.R.J.**, *enquanto a maioria dos povos se educou pela lei do mais forte, o povo judeu e o cristão procuraram antes de tudo, a justiça.*

Dentro desta perspectiva educacional, há a esperança de que se construa uma sociedade justa, com membros dotados de melhor desenvolvimento em suas potencialidades. É neste sentido que a moral e a

ética inseridas na tradição judaica podem ser consideradas como norteadoras de uma educação plena.

Por constituir, este tema, assunto pouco explorado, a presente monografia propõe-se a investigar o processo que ocorre nas escolas israelitas, em cujos quadros a educação religiosa tem forte presença e objetiva a formação integral dos educandos, não só no que diz respeito ao preceito estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, mas também, naquilo que representa sua plena realização no plano existencial.

Portanto, o principal interesse da presente monografia fica por conta da observação e descrição do conteúdo transmitido nas escolas israelitas e de como se dá esta transmissão, com ênfase na perspectiva pedagógica de sua metodologia específica.

Por fim, combinar a preocupação de educar integralmente o homem com a utilização dos métodos pedagógicos facilitadores deste processo pode levar a conclusões positivas no âmbito da eficiência de instituições escolares pouco pesquisadas.

FORMULAÇÃO DO PROBLEMA:

A Religião Judaica é uma das mais antigas da história da humanidade, tendo sobrevivido e sendo perpetuada até os dias de hoje por seu povo, com base em tradições milenares.

A transmissão destas tradições não é apenas responsabilidade da religião, mas, também, dever da família e das instituições educacionais que buscam, na Torá, sua inspiração e sua razão de existir. Neste contexto, constrói-se a identidade do povo judeu nas características físicas comuns, nos hábitos alimentares, nas músicas, nas festas e em tudo aquilo que lhe é próprio. Trata-se, da construção de uma cultura rica e original, que não se limita unicamente aos aspectos religiosos.

Nessa linha de pensamento, vale ressaltar o sentido das tradições onde continuam fortemente perpetuadas a crença religiosa e esta mesma cultura.

Ludwig (s/d), ao considerar a tradição e procurar defini-la, parte da origem latina da palavra:

Tradere é a palavra latina designando a transmissão, oferecimento, dote ou ato de construir o que se transmite, oferece ou ensina, de pai para filho, de mestre para aluno, é a tradição da cultura em que o pai e filho, ou o aluno e professor.

existem. Sem tradição não existiria continuidade ou cultura, mesmo a mais moderna. (pág 27)

Entretanto, é preciso não esquecer que o termo tradição pode receber, nos dias de hoje, uma conotação negativa. Isto se dá principalmente por parte dos jovens que, de modo geral, têm, em relação a ela, um certo preconceito, talvez em decorrência da necessidade, comum na juventude, de criar e inovar.

Ludwig (s/d) afirma, ainda, que *a tradição não precisa ser necessariamente estática e final*. É com o domínio do conhecimento do passado que se dá a reflexão e a modificação do presente, rumo ao futuro. Só assim pode-se construir o novo. A mente sem passado é vazia e não pode servir de apoio para que as sucessivas gerações se atualizem, inovando, mas, ao mesmo tempo, mantendo-se fiéis às tradições recebidas de seus pais.

Daí a importância, para o povo judeu, da transmissão das tradições com fins educacionais, pois estas mesmas tradições, por colaborarem para a formação de valores, enfatizarem a globalidade do aluno e respeitarem seu eu profundo e individual, levam ao desenvolvimento do educando em todos os aspectos de sua vida. Neste sentido, a educação religiosa judaica é eficiente, possuindo uma perspectiva educacional capaz de colaborar com o processo pedagógico em seus aspectos próprios, já que religião não se antagoniza com

educação, mas, pelo contrário, contribui para a formação integral desse educando, não só do ponto de vista religioso, mas, sobretudo, humano.

LIMITAÇÃO DO ESTUDO:

Tendo em vista a amplitude do problema, este trabalho estabeleceu um corte que o limitou ao estudo do ensino religioso judaico em três escolas israelitas da cidade do Rio de Janeiro, a saber: Colégio Hebreu Brasileiro Max Nordau, Barilan e Sholem Aleicham.

OBJETIVOS:

O presente estudo visou alcançar os seguintes objetivos:

1. identificar não só as características do ensino religioso, em geral, mas também, as características próprias do ensino religioso judaico;
2. investigar as tradições judaicas transmitidas nas escolas israelitas do Rio de Janeiro;
3. caracterizar os métodos utilizados pelas escolas israelitas para a transmissão das tradições judaicas;

4. investigar a possível relação entre a transmissão das tradições judaicas e a formação moral e ética do educando.

QUESTÕES PROPOSTAS:

Para atingir os objetivos acima explicitados, formularam-se as seguintes questões:

1. A transmissão das tradições judaicas constitui a base da educação israelita com vistas à preservação da cultura própria do povo judeu?
2. O currículo das escolas israelitas apresenta aspectos próprios além daqueles comuns a todas as escolas pertencentes ao sistema brasileiro de educação?
3. As tradições judaicas extrapolam o campo religioso?
4. Que tipo de pessoa a escola israelita pretende formar?

PASSOS METODOLÓGICOS:

Para o desenvolvimento da presente monografia os procedimentos metodológicos foram realizados em dois momentos:

1. Inicialmente, fez-se a revisão de literatura para fundamentação teórica.
2. Em seguida, para a pesquisa de campo, foram utilizadas entrevistas não estruturadas, de abordagem qualitativa.

ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO:

É a seguinte a organização dos capítulos que constituem esta Monografia:

O Capítulo 1 conceitua Cultura e Tradição.

O Capítulo 2 reflete sobre o sentido da Religião diante do processo educacional.

No Capítulo 3 encontram-se algumas considerações sobre a importância da Religião para a educação judaica.

O Capítulo 4 descreve a filosofia de educação e a metodologia de ensino presentes nas escolas israelitas estudadas.

As Conclusões e Sugestões estão no Capítulo 5, seguindo-se a Bibliografia consultada.

1. CULTURA E TRADIÇÃO

1.1. A Cultura

Para o desenvolvimento do estudo acima proposto, é necessário refletir, inicialmente sobre educação judaica, o que possibilita analisar alguns aspectos com ela inter-relacionados do ponto de vista da Cultura e da Tradição

Cultura, em seus aspectos mais gerais, possui incontáveis definições e variáveis.

Na procura de sua definição, contam-se inúmeros enfoques, dentre os quais a princípio pode-se lembrar aquele que a considera como determinante da forma de pensar e de agir de um povo, sociedade ou nação.

KROEBER & KLUCKHOHN apresentam, no **Dicionário de Ciências Sociais** da Fundação Getúlio Vargas, um conceito abrangente de Cultura, que enfatiza seus aspectos sociológicos:

A cultura consiste em padrões explícitos e implícitos de comportamento e para o comportamento, adquiridos e transmitidos pôr meio de símbolos, e

que constituem as realizações características de grupos humanos, inclusive suas materializações em artefatos; a essência mesma da cultura consiste em idéias tradicionais (isto é derivadas e selecionadas historicamente) e especialmente nos valores vinculados a elas; os sistemas culturais podem, por um lado, ser considerados produtos de ação e, por outro, elementos condicionadores de ação posterior. (p. 290)

Depreende-se, do texto acima citado, que é, através da Cultura e dos valores culturalmente adquiridos, que se obtêm as diretrizes comportamentais e, até mesmo, ideológicas, de um povo, sociedade ou nação. Toda Cultura sobrevive porque é perpetuada e, nesta perspectiva, está o valor da Tradição. É esta que funciona como elo entre gerações, permitindo, assim, que exista continuidade na forma de pensar e de agir de um povo. Qualquer Cultura, mesmo entre as mais antigas, necessita de um grau de Tradição para sobreviver.

Algumas Culturas perderam-se através dos tempos, talvez devido ao fato de terem tornado suas Tradições tão flexíveis que acabaram sendo levadas ao desaparecimento em decorrência da perda de suas identidades. Do que aqui se afirma, são exemplos significativos duas Culturas que

sofreram processos semelhantes, com resultados diferentes: a indígena e a judaica.

No caso da Cultura indígena, sabe-se que ela sobrevive, mantendo-se, porém, diversa de sua forma original, pois, ao longo dos tempos, foi-se modificando, fundindo-se com outras formas culturais, não tendo sido suficientemente forte, nem como Cultura propriamente dita, nem em suas tradições, de forma a reagir à dominação cultural que sofreu. Foi, aos poucos, perdendo seus hábitos e costumes, abdicando do que lhe era valioso. Pode-se afirmar que neste caso houve aculturação e que os prejuízos causados são praticamente definitivos.

No caso da Cultura judaica, pelo contrário, a História nos mostra que, em virtude do vigor de suas tradições, ela não sofreu processo de esvaziamento cultural, tendo-se mantido, ao longo do tempo, em sua forma original. Isto se explica pela fidelidade à Tradição, pois é ela que possui a função essencial de manter a Cultura judaica em sua totalidade

O processo de esvaziamento cultural que, geralmente, chega à extinção é freqüente na História, constatando-se que a dificuldade encontrada pelas Culturas, em sua sobrevivência, está presente em qualquer povo, sociedade

ou nação que se encontre em situação de minoria. Deste fato, são exemplos, não só os judeus e os índios, mas, também, os negros.

Conforme foi acima afirmado, o passar do tempo leva as mais diversas Culturas por diferentes caminhos. Nestes casos, as variações sofridas fazem sentido para os grupos humanos que as vivem e sempre resultam de sua História. Cabe, aqui, citar um trecho de LIMA (1981):

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo - o da história e o da cultura. (p.61)

É, portanto, o desenrolar da História que faz com que cada grupo humano reconstrua o seu contexto e, ao mesmo tempo, a partir de seu modo próprio de resposta, construa seu destino. Cada povo possui sua própria maneira de reagir às inovações, vivenciando as mudanças de forma inicialmente compreensível apenas para aqueles que as vivem. A Cultura costuma ser aceita e modificada pelo próprio grupo humano que dela faz parte, num processo geralmente lento, em decorrência do maior ou menor peso representado pela Tradição.

Vive-se, numa Cultura, a constante interação entre esta e o modo de pensar e agir de cada um, modo sempre norteado pelo contexto histórico e cultural. Todo homem está inserido em algum contexto que, consciente ou inconscientemente, determina suas ações e valores mais profundos. Há que lembrar, também, a inexistência de uma neutralidade cultural que dificulta a abordagem do tema e, principalmente, a análise de qualquer Cultura tomada em si mesma. Aquele que trata dos aspectos culturais de um povo, ou está inserido no seu contexto cultural, e terá a visão interna desta Cultura, ou, durante a observação, será influenciado pela vivência de sua própria Cultura. Seja como for, utilizará sua ótica cultural, o que contribuirá, sem dúvida, para algum vizez na interpretação do fato estudado. Isto decorre da impossibilidade de não se fazer uso da visão de mundo culturalmente adquirida. O homem está sempre inserido em diversos grupos sociais como a família, a comunidade, a cidade, o país, participando concomitantemente das diferentes dimensões culturais. Desta forma, não só está sujeito a mudanças, mas também transforma o que o cerca. Ao longo da História, nenhuma Cultura ficou estanque, havendo sempre uma relação recíproca de contribuição e transformação. Além disto, convém reforçar a idéia da não existência de superioridade ou inferioridade de Culturas e/ou de traços culturais, pois não

existem características que tornem uma Cultura superior ou inferior a outras. Frequentemente o preconceito cultural valoriza determinadas Culturas, desvalorizando outras, pois, no campo das idéias, o homem apresenta facilidade em rejeitar o que lhe é estranho, muitas vezes o conhecido parecendo ser o mais aceitável de se conceber. Em casos extremos, este caminho pode levar, não só ao etnocentrismo, mas também ao irracionalismo exacerbado. A História já demonstrou o grande perigo que estas posturas podem representar para a humanidade diante de toda a sua multiplicidade cultural. Ao longo da História, as minorias foram as maiores vítimas de equivocadas posturas de superioridade cultural e, até hoje, precisam buscar um meio próprio de defesa, visando à sobrevivência de suas Culturas.

Os conflitos sempre existiram e ainda existem em virtude das relações existentes entre as diversas Culturas, sendo impossível dissociar completamente uma Cultura específica das outras com as quais entra em contato. A Cultura indígena, como já foi dito anteriormente, tendeu ao desaparecimento ao se relacionar com outras formas culturais, enquanto a Cultura judaica conviveu, e convive, com as diversas formas culturais, permanecendo, porém, íntegra em sua identidade. Isto se deve à existência de peculiaridades que, tanto as relações, quanto a convivência com outros povos,

não chegam a modificar. Assim os grupos humanos estão em constante interação, mas, apesar disso, continuam perpetuados os valores dominantes que norteiam seu modo de agir e de pensar.

Por outro lado, é preciso reconhecer que a interação dos vários grupos humanos contribui para a construção de uma Cultura comum. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a Cultura brasileira, constituída pela integração de europeus, indígenas e africanos.

Quando se pretende definir a Cultura brasileira, não se pode evitar conceitos valorativos dos diferentes aspectos da dimensão cultural: há, sempre, uma rejeição ou seleção dentro da História acumulada. A este respeito pode-se lembrar que a Cultura africana foi minimizada na construção cultural brasileira, apesar de sua presença maciça durante séculos. Valorizou-se o domínio colonial europeu, por meio das elites, culturalmente mais representativas. Assim, pode-se entender que, na Cultura Comum, ocorrem sempre disputas internas, sendo elas que levam à compreensão diferenciada da estrutura cultural de uma determinada sociedade.

De qualquer forma, quando se observa sua lógica interna, ou seja, seu modo de vida, suas crenças, costumes e principalmente sua forma de educar, pode-se compreender melhor os grupos humanos e suas características

culturais. É, então, o modo de vida cultural que norteia a peculiaridade educacional dos diversos povos.

Por fim, cabe ressaltar que, até agora, nesta reflexão sobre a Cultura, citaram-se seus aspectos mais gerais, que podem servir de base para a compreensão de uma dinâmica cultural específica, apesar da complexidade do assunto.

1.2. A TRADIÇÃO

Já se referiu acima ser impossível pensar numa continuidade cultural dissociada da Tradição, sendo, portanto, necessário refletir também sobre esta última.

Na Introdução do presente estudo, utilizou-se um texto em que LUDWIG (S/D) ressaltava a importância da Tradição na continuidade cultural e a definia como transmissão daquilo que se aceita. Todo homem está inserido em algum contexto cultural e dele é parte, não apenas por ordem natural, mas, principalmente, por liberdade de escolha, tornando-se aquilo que aceita e incorpora através do comportamento, da ideologia e dos valores. É através da Tradição que se dá a construção presente e futura dos valores

norteadores de determinada Cultura, tendo por base um passado que permite a compreensão daquilo que se vive. Parafraseando KIERKEGAARD, pode-se afirmar que a vida se compreende ao olhar o passado, mas deve ser vivida com os olhos fixados no futuro.

Em resumo, do que se refletiu neste Capítulo, ressaltam alguns pontos importantes que permitem estabelecer uma definição própria de Cultura e de Tradição e que servirão de ponto de apoio para as reflexões posteriores.

Assim, pode-se aceitar o que é transmitido através da Tradição, construindo-se um presente e um futuro mais coerentes. Não é necessário que se aceite por completo o que nos é transmitido, devendo entretanto haver uma seleção pessoal, guiada pela consciência de cada um. As vivências e experiências do passado serão utilizadas no presente, mas não se deve esquecer de acrescentar ao futuro uma contribuição pessoal, sendo esta contribuição individual o que renova o mundo e tudo que nos cerca. Cabe então, a cada um de nós, buscar transformar de forma coerente e positiva este mundo e a forma de pensar a vida.

2. A RELIGIÃO E SEU SENTIDO

Refletir sobre o judaísmo leva a pensar na religião de modo geral.

Assim, pretende-se, neste capítulo, ressaltar aspectos do fenômeno religioso, trazendo como contraponto algumas idéias inspiradas no pensamento científico-filosófico representado por MARX, FREUD E FEUERBACH.

A religião não se restringe, apenas, aos atos sacramentais, lugares sagrados ou rituais. É algo maior, pois, apesar da forte relação com o invisível, está próxima da nossa experiência pessoal, utilizando uma linguagem referente a coisas invisíveis. É através da fé que podemos contemplar seu significado, o que se dá no plano da experiência pessoal, pois, segundo ALVES (1981), acredita-se que a religião funciona *como um espelho em que nos vemos* (p. 12).

Se toda religião possui símbolos, torna-se necessário tecer algumas considerações a respeito.

Inicialmente, deve-se considerar que os símbolos existem através de coisas e de gestos. Dentro destas duas perspectivas, os símbolos podem ser orações, festas, canções, locais, templos, altares, e assim por diante. Não se

considera, porém, nenhum destes símbolos, como sagrado por sua própria natureza; eles ganham tal significado à medida que são integrados às expressões religiosas, transformando, pela religião, o bruto e vazio em algo portador de sentido e, até mesmo, em extensões de nós mesmos. Não que a religião seja fantasia ou fruto da imaginação, mas ela carrega em si, segundo ALVES, *o poder, o amor e a dignidade do imaginário* (p. 31). Então, a religião e sua rede de símbolos funcionam tanto quanto o concreto, porque há, no homem, a necessidade de dar sentido às coisas.

Esta idéia de sentido para as coisas refere-se também à sobrevivência humana, pois o mundo e a vida devem ter significado. No pensamento de DURKHEIM, encontra-se a idéia de que um mundo ordenado e carregado de sentido leva o ser humano a adquirir uma ordem interna que gera integração, unidade e direção, fazendo com que o resultado positivo seja uma forte razão para viver.

É relevante acrescentar, à questão dos símbolos, a idéia de que, através daquilo que é compartilhado, com a repetição e com a verdadeira experimentação entre os homens, estes símbolos passam da hipótese e da imaginação, para a realidade. É dentro deste processo que o simbólico é incorporado culturalmente e perpetuado através dos tempos

Apesar de as religiões possuírem uma grande variedade de rituais e mitos, há traços comuns entre elas. Além da rede de símbolos, onde há religião, há também a fé. É através dela que se pode dar sentido e aceitar o invisível.

Kierkegaard nos assegura que a fé nunca será uma posição invulnerável. Aquele que faz o salto para alcançar o estágio religioso enfrentará um combate constante, pois a fé representa uma conquista sobre a dúvida. (Giles, p. 24).

Assim, não há a idéia de fé incondicional e inabalável. Para a crença religiosa, qualquer que seja ela, é necessária a dimensão da fé. O questionamento e a dúvida são aceitáveis, pois a fé consciente está sujeita a questionamentos.

Como centro das representações religiosas, encontra-se a busca da força, pois a essência da religião não é a idéia, mas a força que ela transmite. Mais do que as possíveis verdades, o que importa é a comunhão com Deus, que permite ao homem sentir-se forte. Como se sabe, o ser humano possui inúmeras fraquezas e angústias, para as quais encontra forças nesta mesma comunhão.

Ao se tratar de religião é preciso lembrar como é indispensável o reconhecimento de Deus. Cada religião possui seu modo próprio de pensar Deus. O que é comum, é a relação do homem com Ele. No dizer de CAVALCANTI (1977), *a relação entre o homem e Deus é, (...), de pessoa a pessoa, de sujeito a sujeito* (p. 59). Verifica-se, aí, que se trata de uma relação muito pessoal e intensa, da intimidade de cada um. Não é uma relação abstrata, pois parte do nosso interior, de nossas verdades e crenças. Torna-se difícil generalizar esta relação homem / Deus porque, como já foi visto, ela é pessoal.

É conveniente, para o presente estudo, apresentar alguns modos de ver o fenômeno religioso, que lhe sirvam de contraponto.

A concepção de Marx a respeito do problema aqui apresentado desenvolveu-se em meio à luta política, o que permite compreender melhor o seu modo de pensar. Marx estabelece a distância entre o mundo material e a religião. De nada adiantaria tentar resolver as desgraças sociais, tentando tirar as ilusões religiosas das pessoas, até porque, considerava que esta missão era impossível.

Na visão de Marx, o homem faz a religião e não a religião o homem. Desta forma, a crença religiosa é uma construção baseada nas concepções

deste mesmo homem. No entender de Marx, a religião é uma ilusão e ele sabe que as ilusões não se desfazem através de considerações intelectuais. As idéias surgem por uma necessidade da situação. Seria preciso, então, modificar a situação para obter resultados e não, ao contrário, tirar a solução ilusória das próprias pessoas.

Para Marx, a religião constitui alienação e alienação, no sentido marxista, significa:

estado ou resultado da conformidade perante expectativas institucionais em papéis sociais segmentados (...). O homem leva uma vida alienada quando não se sente como centro do seu mundo, como criador dos seus próprios atos - já que esses atos e suas conseqüências se tornaram os senhores, a quem ele obedece ou mesmo cultua. (Dicionário de Ciências Sociais, p. 38)

Assim, portanto, na concepção marxista, o sentimento religioso é o próprio fruto da alienação, funciona como algo que impede o uso da razão e é determinante do social. Vale aqui ressaltar a origem do pensamento de Marx surgido numa ótica socio-econômica, inserido em momento de luta política pelo reconhecimento das imensas injustiças sociais ocasionadas pela Revolução Industrial.

deste mesmo homem. No entender de Marx, a religião é uma ilusão e ele sabe que as ilusões não se desfazem através de considerações intelectuais. As idéias surgem por uma necessidade da situação. Seria preciso, então, modificar a situação para obter resultados e não, ao contrário, tirar a solução ilusória das próprias pessoas.

Para Marx a religião constitui alienação e alienação, no sentido marxista, significa:

estado em resultado da conformidade perante expectativas institucionais em papéis sociais segmentados (...). O homem leva uma vida alienada quando não se sente como centro do seu mundo, como criador dos seus próprios atos - já que esses atos e suas consequências se tornaram os senhores, a quem ele obedece em mesmo cultura. (Dicionário de Ciências Sociais, p. 38)

Assim, portanto, na concepção marxista, o sentimento religioso é o próprio fruto da alienação, função como algo que impede o uso da razão e é determinante do social. Vale aqui ressaltar o origem do pensamento de Marx surgido numa época socio-econômica inserido em momento de lutas políticas pelo reconhecimento das mesmas injustiças sociais ocasionadas pela Revolução Industrial.

A segunda perspectiva acima citada é a da visão de Freud, que se deve analisar em conjunto com a de Feuerbach.

Freud concordava com Marx, ao ver a religião como ilusão. Mais do que isto, a via como um desejo urgente da humanidade. Segundo ele, o homem inventou a religião em virtude do desejo de criar um universo amigo e humano.

O problema estabelecido por Freud, em relação ao pensamento de Feuerbach, está no fato de que, segundo aquele, os desejos humanos são destinados ao fracasso, o que leva a teoria analítica a afirmar que a religião nega a realidade.

Freud não teve para com a religião, a mesma simpatia demonstrada pelos sonhos, o que se explica por sua idéia de repressão aos desejos, de qualquer forma possível. Segundo ele, os sonhos são expressão do passado que pode ser compreendido, mas não recuperado. Em contrapartida, a religião representa a construção futura do desejo que, no seu parecer, deve ser reprimida. Assim, os homens teriam criado os sistemas religiosos objetivando expressar desejos e ficando em oposição à realidade.

Feuerbach via a religião da mesma forma que via os sonhos. Para ele, os dois representavam nossos desejos íntimos, estando, sua importância, no

A segunda perspectiva acima citada é a da visão de Freud, que se deve

analisar em conjunto com a de Feuerbach.

Freud concordava com Marx, ao ver a religião como ilusão. Mas do que isto, a via como um desejo urgente da humanidade. Segundo ele, o homem inventou a religião em virtude do desejo de criar um universo amigável humano.

O problema estabelecido por Freud, em relação ao pensamento de Feuerbach, está no fato de que, segundo aquele, os desejos humanos são destinados ao fracasso, o que leva a teoria analítica a afirmar que a religião nega a realidade.

Freud não teve para com a religião, a mesma simpática demonstrada pelos sonhos, o que se explica por sua ideia de repressão aos desejos, de qualquer forma possível. Segundo ele, os sonhos são expressão do passado que pode ser compreendido, mas não recuperado. Em contrapartida, a religião representa a construção futura do desejo que, no seu parecer, deve ser reprimida. Assim, os homens criam os sistemas religiosos objetivando expressar desejos e ficando em oposição à realidade.

Feuerbach via a religião da mesma forma que via os sonhos. Para ele, os dois representavam nossos desejos íntimos, estando, sua importância, no

fato, de que os sonhos que não compreendemos não fazem sentido e que as religiões, destituídas de sentido, perdem seu valor. Foi o que ele afirmou, resumidamente, quando disse que *sonhos são as religiões dos que dormem. Religiões são os sonhos dos que estão acordados.* (ALVES, 1984, p. 87).

As idéias do filósofo alemão representam uma visão singular da religião, por ter ele considerado que nela havia uma esperança que afirmava os desejos e a utopia de uma sociedade. Tudo isso, ocorrendo de dentro para fora. O homem busca seus desejos profundos e os expõe através de sonhos religiosos. A esperança está, então, na possibilidade de transformar estes sonhos em uma nova ordem, construindo, assim, um futuro melhor.

Para finalizar, se forem somadas as idéias de Freud, e sua visão psicanalítica, às de Feuerbach, será possível identificar uma nova concepção de Deus e da religião. Seria como se, juntos, pensassem: *Qual o teu sonho, quem é teu Deus? nós te diremos quem és.* (ALVES, 1984, p. 99).

Assim, Deus e a religião são a expressão interior de cada um, o verdadeiro espelho da nossa essência, podendo-se afirmar que a manifestação religiosa é auto-conhecimento.

facto, de que os sonhos que não compreendemos não fazem sentido e que as religiões, desstituídas de sentido, perdem seu valor. Foi o que ele afirmou resumidamente, quando disse que sonhos são as religiões dos que dormem.

Religiões são os sonhos dos que estão acordados (ALVES, 1984, p. 87).

As idéias do filósofo alemão representam uma visão singular da religião, por ter ele considerado que nela havia uma esperança que alimentava os desejos e a utopia de uma sociedade. Tudo isso, ocorrendo de dentro para fora. O homem busca seus desejos profundos e os expõe através de sonhos religiosos. A esperança está então, na possibilidade de transformar estes sonhos em uma nova ordem, construindo, assim, um futuro melhor.

Para finalizar, se forem somadas as idéias de Freud e sua visão psicanalítica, as de Freudbach, será possível identificar uma nova concepção de Deus e da religião. Será como se, juntos, pensassem: Qual o teu sonho, quem é teu Deus? nós te diramos quem és. (ALVES, 1984, p. 92).

Assim, Deus e a religião são a expressão interior de cada um, o verdadeiro espelho da nossa essência, podendo-se afirmar que a manifestação

religiosa é auto-conhecimento.

Considerando o que se expôs acima, parece possível afirmar que a religião é a verdade de cada um, verdade de pensamento, ação e, principalmente, de sentimento.

Partindo dos princípios apresentados no presente capítulo, pretende-se, no capítulo 3, tratar especificamente da religião judaica.

Considerando o que se expôs acima parece possível afirmar que a religião é a verdade de cada um, verdade de pensamento, ação e principalmente de sentimento.

Partindo dos princípios apresentados no presente capítulo, pretende-se

no capítulo 3, tratar especificamente da religião judaica.

3. Algumas Considerações sobre a Religião Judaica

O capítulo anterior do presente estudo tratou do sentido da religião e de sua importância para a vida humana, já que a fé domina todas as atividades do ser humano no que diz respeito à sua vida de relação com Deus.

Partindo-se desta premissa, constata-se efetivamente que a fé embasa a Religião Judaica, conforme já se referiu na introdução desta Monografia.

Como não poderia deixar de ser, o povo judeu tem sua identidade e seu rumo de vida no judaísmo porque, sem a fé judaica, seria inconcebível a afirmação de sua existência fora dos limites espaciais habitualmente definidos para a constituição de um povo e/ou de uma nação.

Cumpra aqui reafirmar o que foi dito no Capítulo 2 do presente trabalho: a fé faz o homem acreditar no invisível, naquilo que permanece no campo das abstrações, já que o ser humano, possui a capacidade de discernir e acreditar, possuindo o sentimento religioso duas dimensões, uma concreta e outra abstrata.

Assim, acreditar no invisível requer a capacidade da fé, que pode ser definida como crença naquilo que não se vê. Esta crença é inerente não só a

3. Algumas Considerações sobre a Religião Judaica

O capítulo anterior do presente estudo trata do sentido da religião e de

suas importâncias para a vida humana, já que a fé domina todas as atividades

do ser humano no que diz respeito à sua vida de relação com Deus.

Partindo-se desta premissa, constata-se efetivamente que a fé emprega a

Religião Judaica, conforme já se referiu na introdução desta Monografia.

Como não poderia deixar de ser, o povo judeu tem sua identidade e seu

modo de vida no judaísmo, porque sem a fé judaica, seria inconcebível a

existência de sua existência fora dos limites espaciais habitualmente definidos

para a constituição de um povo e/ou de uma nação.

Cumprido aqui o objetivo que foi dito no Capítulo 2 do presente

trabalho, a fé faz o homem acreditar no invisível, naquilo que permanece no

campo das abstrações, já que o ser humano, possui a capacidade de discernir

e acreditar, possuindo o sentimento religioso duas dimensões: uma concreta e

outra abstrata.

Assim, acreditar no invisível requer a capacidade da fé, que pode ser

definida como crença naquilo que não se vê. Esta crença é inerente não só a

esta mesma fé, como também aos sentimentos e a tudo aquilo que seja de natureza abstrata. Como a religião possui uma dimensão contemplativa, entende-se que seja fundamental o uso da fé na relação do homem com o fenômeno religioso.

O povo judeu valoriza a oração, as festas, as canções, como já se referiu na introdução do presente estudo.

O capítulo anterior mostrou que os símbolos constituem parte importante da religião, qualquer que ela seja, pois é através dos símbolos que o abstrato procura tomar uma forma concreta. Daí poder-se afirmar que os símbolos são um dos pontos fortes da crença judaica, dada a existência de uma imensa riqueza de rituais no judaísmo.

Na Religião Judaica, verifica-se a importância dos símbolos à medida que estes colaboram para que ela não se realize apenas no plano da abstração. Encontra-se, na essência da Religião Judaica, a necessidade de incorporar atos específicos, unindo-se doutrina e ação.

Neste sentido, toda a literatura a respeito enfatiza que o judaísmo é um modo de vida, ou seja, uma prática, e não simplesmente a vivência da fé. A Religião Judaica não é apenas uma teoria da moral, mas também uma prática dependente dos sentidos, formada por atos de todos os tipos e grandezas.

esta mesma fé, como também os sentimentos e a tudo aquilo que seja de natureza abstrata. Como a religião possui uma dimensão contemplativa entende-se que seja fundamental o uso da fé na relação do homem com o fundamento religioso.

O povo judeu valoriza a oração, as festas, as canções, como já se referiu na introdução do presente estudo.

O capítulo anterior mostrou que os símbolos constituem parte importante da religião, qualquer que ela seja, pois é através dos símbolos que o abstrato procura tomar uma forma concreta. Daí poder-se afirmar que os símbolos são um dos pontos fortes da cultura judaica, dada a existência de uma intensa riqueza de rituais no judaísmo.

Na Religião Judaica verifica-se a importância dos símbolos e medidas que estes colaboram para que não se realize apenas no plano da abstração. Encontra-se, na essência da Religião Judaica, a necessidade de incorporar atos específicos, visando-se doutrina e ação.

Neste sentido, toda a literatura a respeito enfatiza que o judaísmo é um modo de vida, ou seja, uma prática, e não simplesmente a vivência da fé. A Religião Judaica não é apenas uma teoria da moral, mas também uma prática dependentemente dos sentidos, formada por atos de todos os tipos e grandezas.

Algumas ações parecem insignificantes, mas todas têm sua importância e, em seu conjunto, levam o homem a uma prática coerente.

ROTH fez algumas considerações sobre este assunto:

O ato humano não é um processo natural. Não é inevitável, determinado fisicamente de fora ou biologicamente por dentro. É o que fazemos, não o que nos acontece; e o que fazemos é o resultado de uma escolha moral procedente da pessoa, que atua por motivos e intenções. Em um momento de decisão, o homem cria o caminho que deverá trilhar. (p. 20)

Percebe-se, da citação acima, que o homem faz opção por meio de sua consciência que poderá escolher a conduta a seguir e construir o seu destino. Sua escolha não se restringe apenas aos atos, mas abrange, também, sua própria aceitação enquanto pessoa. Neste caso, só aquele que se aceita como judeu assume a Religião Judaica,

Pode-se daí depreender que a prática depende das opções e escolhas de cada um, de acordo com sua consciência, constituindo, a religião, uma opção consciente, pois não adianta herdar uma doutrina, é necessário que o homem se encontre nela e a vivencie da forma mais plena possível.

Algumas ações parecem insignificantes, mas todas têm sua importância e em

seu conjunto, levam o homem a uma prática coerente.

ROTH faz algumas considerações sobre este assunto:

(1) ato humano não é um processo natural. Não é
inevitável, determinado fisicamente de forma ou
biologicamente por dentro. É o que fazemos não o
que nos acontece: o que fazemos é o resultado de
uma escolha moral precedente da pessoa que atua
por motivos e intenções. Em um momento de
decisão, o homem cria o caminho que deverá
trilhar. (p. 20)

Percebe-se, da citação acima, que o homem faz opção por meio de sua

consciência que poderá escolher a conduta a seguir e construir o seu destino.

Sua escolha não se restringe apenas aos atos, mas também, sua

própria existência enquanto pessoa. Neste caso, só adverte que se aceita como

uma atitude religiosa.

Podem-se daí deduzir que a prática depende das opções e escolhas de

cada um de acordo com sua consciência, constituindo, a religião, uma opção

consciente, pois não adianta falar uma doutrina, é necessário que o homem

se encontre nela e a vivencie da forma mais plena possível.

No judaísmo, não há área do comportamento em que não se ofereça orientação. Todos os aspectos da vida são considerados, tanto em relação aos homens, entre si, como entre os homens e Deus. Desta forma, a orientação é oferecida a cada ser humano, sendo opção individual a escolha da conduta de cada um.

Antes de se abordar o problema da religião nas escolas judaicas, um dos objetivos estabelecidos para este estudo, é necessário que se considere, em linhas gerais, o conhecimento do judaísmo naquilo que lhe é próprio.

Inicialmente, é necessário reconhecer que seria impossível tratar do judaísmo em sua totalidade, visto constituir, ele, uma religião rica em detalhes e profunda em valores. Assim, pretende-se abordar, aqui, apenas aqueles aspectos principais, que podem servir de base para compreender a perspectiva educacional das escolas judaicas.

A Religião Judaica baseia-se nos estatutos bíblicos e nos mandamentos da Torá, devendo-se esclarecer que a Torá é o código de leis do povo judeu. Nela encontram-se as diretrizes comportamentais do homem, que indicam, não só as obrigações para com Deus, mas também, as obrigações com os outros homens. Vale ressaltar que estas regras são sempre norteadas por

No Judaísmo, não há área de comportamento em que não se ofereça orientação. Todos os aspectos da vida são considerados, tanto em relação aos homens, entre si, como entre os homens e Deus. Desta forma, a orientação é oferecida a cada ser humano, sendo opção individual a escolha da conduta de cada um.

Antes de se abordar o problema da religião nas escolas judaicas, um dos objetivos estabelecidos para este estudo, é necessário que se considere, em linhas gerais, o conhecimento do Judaísmo hebraico que lhe é próprio.

Inicialmente, é necessário reconhecer que seria impossível tratar do Judaísmo em sua totalidade, visto constituir, ele, uma religião rica em detalhes e profunda em valores. Assim, pretende-se abordar, aqui, apenas aqueles aspectos principais, que podem servir de base para compreender a perspectiva educacional das escolas judaicas.

A Religião Judaica baseia-se nos estatutos bíblicos e nos mandamentos da Torá, devendo-se esclarecer que a Torá é o código de leis do povo judeu. Nela encontram-se as diretrizes comportamentais do homem, que incluem não só as obrigações para com Deus, mas também, as obrigações com os outros homens. Vale ressaltar que estas regras são sempre portadoras por

valores morais e éticos, tornando-se necessário, então, tecer um breve comentário sobre a idéia de valores.

A filosofia da ação passa, necessariamente, pela filosofia dos valores, já que toda ação é embasada naquilo a que damos valor, ou seja, naquilo que consideramos importante. Segundo algumas teorias axiológicas, pode-se dizer que o valor dado às coisas surge no sentimento, sendo o mundo, então, valorizado a partir do que sente o ser humano.

Entretanto, os valores não permanecem no plano individual, pertencendo, também, à coletividade. Na interação da ação com os valores, passa-se, do plano individual para o coletivo e, deste, novamente, para a seleção individual, parecendo claro que, ao se pensar em sentimentos, pensa-se, igualmente, na unidade sedimentada por esta inter-relação.

Outro aspecto a ser considerado quanto ao problema dos valores, é a afirmação de que os valores mais preciosos são os mais frágeis. Acredita-se haver, no ser humano, uma imensa dificuldade de conter seus impulsos e utilizar sua razão. São justamente os valores mais preciosos, ou melhor, aqueles que se consideram mais preciosos, os que exigem do homem o esforço e a capacidade de compreensão.

valores morais e éticos, tornando-se necessário, então, tecer um breve

comentário sobre a ideia de valores

A filosofia da ação pressupõe necessariamente, pela filosofia dos valores, já

que toda ação é empreendida visando a que damos valor, ou seja, visando que

consideramos importantes. Segundo algumas teorias psicológicas, pode-se dizer

que o valor dado às coisas surge no sentimento, sendo o mundo, então,

valorizado a partir do que sente o ser humano.

Entretanto, os valores não pertencem ao plano individual,

partencendo, também, à coletividade. Na interação de ação com os valores,

passa-se do plano individual para o coletivo e, deste, novamente, para a

seleção individual, passando claro que, ao se pensar em sentimentos, pensa-

se, igualmente, na unidade sedimentada por esta interação.

Outro aspecto a ser considerado quanto ao problema dos valores, é a

afirmação de que os valores mais preciosos são os mais frágeis. Acredita-se

haver, no ser humano, uma intensa dificuldade de conter seus impulsos e

utilizar sua razão. São justamente os valores mais preciosos, ou melhor,

aqueles que se consideram mais preciosos, os que exigem do homem o

esforço e a capacidade de compreensão

As escolas judaicas consideram basicamente os valores coletivos, embora reconheçam também o aspecto individual. Desta forma, pode-se compreender a existência de valores comuns a estas escolas, mesmo possuindo, cada uma delas, suas características próprias, constituindo, os valores do judaísmo a base da perspectiva educacional israelita. Estes valores fundamentam-se nas histórias bíblicas e, principalmente, nos mandamentos da Torá, motivo por que as diretrizes comportamentais nela encontradas são a principal fonte da unidade e da sabedoria judaica. As leis da Torá são definitivas, não podendo sofrer modificação alguma, o que de fato, ocorreu através dos tempos. No que diz respeito à tradição judaica, entretanto, é possível constatar, durante os séculos que se sucederam, algumas modificações.

A imutabilidade da Torá firma-se nos 613 mandamentos divinos nela contidos, dos quais 248 são positivos (fazer) e 365 negativos (não fazer). O judeu crente acredita que o homem cumpridor de todos estes preceitos consegue atingir a perfeição humana.

Nas escolas judaicas, a intenção não é a de levar os educandos ao estágio de perfeição humana, mas, sim, a de aproveitar as orientações e valores da Torá, no intuito de transformar seus alunos em pessoas melhores.

As escolas judaicas consideram basicamente os valores coletivos, embora reconheçam também o aspecto individual. Desta forma, pode-se compreender a existência de valores comuns a estas escolas, mesmo possuindo, cada uma delas, suas características próprias, considerando valores do judaísmo a base da perspectiva educacional israelita. Estes valores fundamentam-se nas histórias bíblicas e, principalmente, nos mandamentos da Torá, motivo por que as diretrizes comportamentais nela encontradas são a principal fonte de mudanças e da sabedoria judaica. As leis da Torá são definitivas, não podendo sofrer modificação alguma, o que de fato, ocorreu através dos tempos. No que diz respeito à tradição judaica, entretanto, é possível constatar, durante os séculos que se sucederam, algumas modificações...

A imutabilidade da Torá afirma-se nos 613 mandamentos divinos nela contidos, dos quais 248 são positivos (faça) e 365 negativos (não faça). O judeu crente acredita que o homem cumpridor de todos estes preceitos consegue atingir a perfeição humana.

Nas escolas judaicas, a intenção não é a de levar os educandos ao estágio de perfeição humana, mas, sim, a de aproximar as orientações e valores da Torá no intuito de transformar seus alunos em pessoas melhores.

O que foi dito acima, será melhor compreendido no próximo capítulo, onde serão relacionados os acima citados aspectos da Religião Judaica com sua aplicação prática nas escolas pesquisadas.

O que foi dito acima será melhor compreendido no próximo capítulo, onde serão relacionados os acimas citados aspectos da Religião Judaica com sua aplicação prática nas escolas pesquisar

4. ESCOLAS ISRAELITAS E EDUCAÇÃO

Antes de se abordar a perspectiva educacional religiosa das escolas israelitas, é necessário comentar, também, aspectos do ensino religioso de modo geral, na rede pública e nas escolas particulares.

A educação religiosa não deve ser excluída dos quadros escolares, pois, através dela, podem-se transmitir valores que colaboram para a formação moral do educando. Seja na escola pública, ou na particular, a educação religiosa só tem a acrescentar, vindo de encontro aos fins educacionais.

Quando se trata de escola confessional, geralmente a escola particular possui propostas religiosas bem definidas que levam à eficiência das metas propostas por sua filosofia de educação. Talvez isto se dê pelo fato de existir uma consciência, por parte dos pais e dos alunos, relativa ao ambiente educacional em que se encontram. Desta forma, acaba por ocorrer uma aceitação do que é transmitido, por significar opção anteriormente realizada.

O problema relativo a esta aceitação será analisado mais detalhadamente, a seguir, quando se poderá considerar a questão de crianças não judias que estudam em escolas israelitas.

4. ESCOLAS ISRAELITAS E EDUCAÇÃO

Antes de se abordar a perspectiva educacional religiosa das escolas israelitas é necessário comentar, também, aspectos do ensino religioso de modo geral, na rede pública e nas escolas particulares.

A educação religiosa não deve ser excluída dos quadros escolares pois através dela podem-se transmitir valores que colaboram para a formação moral do educando. Seja na escola pública ou na particular, a educação religiosa só tem a acrescentar, vindo de encontro aos fins educacionais.

Quando se trata de escola confessional, naturalmente a escola particular possui propostas religiosas bem definidas que levam à eficiência das mesmas propostas por sua filosofia de educação. Talvez isto se dê pelo fato de existir uma consciência por parte dos pais e dos alunos, relativa ao ambiente educacional em que se encontram. Desta forma acaba por ocorrer uma aceitação do que é transmitido, por significativa opção autenticamente religiosa.

O problema relativo a esta aceitação será analisado mais detalhadamente a seguir, quando se poderá considerar a questão de crianças não judias que estudam em escolas israelitas.

É sabido que nas escolas públicas existem diretrizes para os três credos religiosos oficialmente reconhecidos pela legislação: o Católico, o Evangélico e o Judaico.

Com relação ao credo judaico, preocupação substantiva deste trabalho, as diretrizes foram expostas em linhas gerais no capítulo anterior desta Monografia.

Ao aluno da rede pública, cabe escolher a aula de Religião condizente com seu credo, sendo-lhe facultada a opção de cursar, ou não, tal disciplina, ficando, muitas vezes, comprometida a eficiência desta proposta por conta da própria falta de conscientização dos pais, professores e alunos. Com frequência, as disciplinas religiosas não constam do currículo das escolas oficiais; em outros casos a falta de motivação retira os alunos destes cursos, que passam a encarar estas disciplinas como uma sobrecarga escolar, a ser descartada. Neste sentido, caberia um trabalho prévio por parte das escolas, visando despertar o interesse de seus alunos por tais disciplinas.

Nos colégios parece haver, de modo geral, uma supervalorização de disciplinas como a Matemática, a Biologia, a Língua Portuguesa...

Sem que se entre no mérito da fundamental importância que cerca tais disciplinas, é preciso lembrar a conveniência de despertar também o interesse

É sabido que nas escolas públicas existem diretrizes para os três credos religiosos oficialmente reconhecidos pela legislação: o Católico, o Evangélico e o Judaico.

Com relação ao credo judaico, preocupações substanciais deste trabalho, as diretrizes foram expostas em linhas gerais no capítulo anterior desta Monografia.

Ao aluno da rede pública cabe escolher a aula de Religião condizente com seu credo, sendo-lhe facultada a opção de cursar, ou não, tal disciplina, ficando, muitas vezes, comprometida a eficiência desta proposta por conta da própria falta de conscientização dos pais, professores e alunos. Com frequência as disciplinas religiosas não constam do currículo das escolas oficiais, em outros casos a falta de motivação torna os alunos destes cursos que passam a encarar estas disciplinas como uma sobrecarga escolar, a ser descurada. Neste sentido, caberia um trabalho prévio por parte das escolas visando despertar o interesse de seus alunos por tais disciplinas.

Nos colégios parece haver, de modo geral, uma subvalorização de disciplinas como a Matemática, a Biologia, a Língua Portuguesa...

Sem que se entre no mérito da fundamental importância que cerca tais disciplinas, é preciso lembrar a conveniência de despertar também o interesse

dos alunos por disciplinas como Educação Religiosa, Educação Física, Artes e Música, entre outras, por nelas existirem ótimas oportunidades de desenvolvimento criativo, perceptivo e humano.

Algumas escolas acreditam na filosofia de uma religião como base de sua perspectiva educacional. As três escolas estudadas nesta Monografia fazem parte deste grupo e seguem a filosofia judaica como base do trabalho por elas desenvolvido.

Para que se possa contrapor as características das escolas pesquisadas, faz-se necessário expor a princípio, os seus aspectos individuais.

O Colégio Hebreu Brasileiro Max Nordau apesar do que fora inicialmente combinado, preferiu fornecer seus dados por escrito, dispensando a entrevista programada.

Sua filosofia fundamenta-se no desenvolvimento harmônico e global do ser humano, estimulando atitudes de reflexão e crítica, para que ele possa, no futuro, assumir com responsabilidade seus próprios atos, valorizando-se como judeu e cidadão brasileiro.

Para isso, o colégio visa difundir os valores tradicionais judaicos, nacionais e universais, através do conhecimento e da vivência, buscando a

integração do indivíduo como sujeito e objeto do relacionamento comunitário.

Os objetivos gerais da escola ficam por conta da integração de todos os seus membros (alunos, professores, funcionários e pais) numa comunidade escolar em que todos participam, direta ou indiretamente, das tarefas educativas, tendo objetivos comuns e assumindo responsabilidades concretas neste trabalho.

A apresentação do Currículo foi superficial e salientou ser ele enriquecido com aulas de computação, inglês, natação, dança israelita, música e teatro. Como toda escola israelita, possui, também, aulas de hebraico, estudo da bíblia (*Tanach*) e conhecimentos de Israel.

Mais Torá, mais vida; mais estudo, mais sabedoria; mais justiça, mais paz é o lema define a sua proposta educacional.

A segunda escola estudada foi o Barilan, cujos dados foram obtidos através das entrevistas não estruturadas conforme os passos metodológicos anteriormente determinados.

O entrevistados, tiveram a preocupação inicial de enfatizar que a escola manteve uma linha de tradição muito forte, durante toda sua existência. Conclui-se que sua filosofia é a de transmitir a religião judaica em sua íntegra, valorizando o aspecto tradicional, não só da religião, como também da cultura.

A escola Barilan visã, principalmente, a transmitir os valores judaicos tradicionais, com ênfase na noção de igualdade. Pretende *formar pessoas abertas para o futuro, preservando seus valores, sua cultura e sua identidade.*

O objetivo principal do Barilan é o de apresentar aos alunos a prática judaica em todos os seus aspectos, não permanecendo, assim, somente no campo teórico. Para que estes objetivos sejam cumpridos, tudo que se aprende é praticado dentro da escola. As rezas são parte da rotina dos alunos e incentiva-se o uso do hebraico nas conversas triviais de alunos e professores.

O currículo do Barilan procura exaltar as disciplinas religiosas, para as quais reserva excessiva carga horária. Ensina-se a língua hebraica com a mesma ênfase que se ensina a língua portuguesa. No que diz respeito ainda à

parte diversificada, a escola oferece as mesmas disciplinas consideradas importantes nos dias de hoje, como por exemplo, computação.

O lema da escola não foi fornecido mas, por tudo que foi visto e esclarecido durante as entrevistas, pode-se entender que seja ligado à idéia de manter *um ensino voltado para a fé, para a confiança em Deus e na religião judia.*

A terceira escola pesquisada, Sholem Aleicham, também permitiu que as entrevistas servissem de base para a análise realizada por este trabalho, não fornecendo, assim, nenhum material escrito.

Sua filosofia fundamenta-se na formação de pessoas conscientes de suas opções, aptas a enfrentar e aceitar o mundo na forma complexa em que ele se apresenta.

Trata-se de uma escola que se considera *Progressista*, que visa a difundir a cultura judaica, os valores judaicos, sem trabalhar diretamente com a religião.

Tem por objetivo transmitir a cultura judaica para judeus e não judeus, tornando o judaísmo uma opção pessoal. Para isto, trabalha com alunos de diversas origens e crenças religiosas.

Seu currículo apresenta, além do hebraico, o dialeto *idich*. A história judaica também possui forte presença em seus quadros da escola, mas sem a preocupação religiosa, permanecendo apenas com o enfoque histórico.

Seria conveniente, agora, contrapor os dados obtidos nestas escolas, tomando por base as seguintes categorias, depreendidas do que acima se apresentou: Filosofia, objetivos e Currículo.

1. FILOSOFIA:

Como se pôde observar, todas as escolas reforçam o sentido da cultura judaica, sendo que a religião, propriamente dita, só é praticada na mais tradicional (Barilan). Desta forma, é coerente pensar que o Barilan pretende formar pessoas com uma identidade cultural e religiosa muito bem definidas. A rigor não há espaço para a escolha individual e sim para a prática religiosa, que já se encontra como aceitação dentro da escola.

Como no Sholem não existe prática religiosa, entende-se que realmente, a opção de praticar a religião pertence a cada um. Os alunos judeus ou não, convivem de forma integrada e compartilham experiências pessoais que trazem de fora.

Pode-se considerar que a escola Max Nordau está entre a prática tradicional do Barilan e o Progressismo do Sholem. Não aceita alunos com outras crenças religiosas e trabalha principalmente com os valores da filosofia judaica.

É possível pensar que, apresentando ou não uma prática, o que se transmite são, inegavelmente, os valores embasados na cultura judaica.

Apesar das pequenas diferenças identificadas nos princípios acima descritos e no modo de transmitir valores culturais, estes são os mesmos em toda escola israelita.

OBJETIVOS:

Foi possível observar que as escolas pesquisadas possuem objetivos distintos. Trabalham com os mesmos valores e nem por isso pretendem formar o mesmo tipo de pessoa. Parece claro que, ao desenvolver trabalhos

diferenciados, acabam por conduzir seus alunos a formas distintas de ver a vida e a religião .

A tradição judaica é valorizada em todas as escolas, mas é importante ressaltar que o grau em que ela se apresenta em cada uma é bastante diferenciado. Todas elas trabalham com tradições culturais, mas apenas uma (Barilan) trabalha com tradição religiosa.

Desta forma, percebe-se a existência de uma valorização cultural nestas escolas. Certamente, mesmo não havendo o intuito confessado de impor seus traços culturais, estes acabam sendo adquiridos simplesmente por terem sido o único modelo apresentado ao longo dos anos de estudo.

Vale comentar que, na maioria das vezes, estas escolas conservam seus alunos durante toda a vida escolar. Com exceção do Sholem, que não possui o segundo grau, as crianças costumam entrar no pré-escolar e permanecer até a última série do segundo grau, hábito tendente, hoje, ao desuso, diante da síndrome do Vestibular, que leva à procura de Cursos especializados. Acaba-se estabelecendo uma relação muito forte entre escola, aluno e família. Há uma vivência grande de comunidade, não só nas escolas isoladamente, como também, nas relações de troca entre elas.

CURRÍCULO:

As três escolas mantêm o currículo comum, seguindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Na parte diversificada, cada uma é coerente com sua filosofia e seus objetivos. Não há uma regra comum entre as escolas, com exceção do hebraico, que faz parte do currículo de todas elas. Mesmo assim, nota-se a diferença na prática, pois no Barilan é comum a comunicação em hebraico, enquanto que, no Max Nordau e no Sholem, apenas ocorre a alfabetização nesta língua e se acrescentam algumas noções de vocabulário, que não são suficientes para seu uso rotineiro.

O Sholem não possui nenhuma disciplina com enfoque religioso, o que ocorre no Barilan. A partir do momento que se pretende transmitir apenas os valores e a tradição cultural, não se faz necessário incluir disciplinas religiosas. No caso, o Sholem transmite as tradições através da história do povo judeu.

No Barilan é inconcebível apresentar um enfoque puramente histórico do povo judeu, sendo necessário aprofundar as disciplinas com toda a noção religiosa que embasa a História.

Por fim, afirma-se não ser intenção da presente Monografia julgar as Escolas acima estudadas, determinando-se o que é melhor ou pior. Pode-se apenas concluir que todas elas possuem coerência de ideologia e prática, sendo muito eficientes em suas propostas e resultados educacionais.

CONCLUSÃO

Do que foi identificado nas escolas pesquisadas pode-se concluir que a cultura e a tradição exercem papel fundamental na educação judaica. Todas as instituições de ensino fazem uso da tradição para transmitir a cultura, a religião e os valores judaicos.

A diferença encontrada durante a pesquisa está no significado atribuído à tradição transmitida, pois cada escola utiliza uma visão própria do que deve ser mantido e transmitido.

Por certo, a transmissão de valores culturais está presente em todas elas, mas a tradição religiosa propriamente dita só foi identificada na instituição mais ortodoxa, a saber o Barilan.

Como se viu no capítulo relacionado à essência do judaísmo, esta religião é considerada, também, como um modo de vida. Desta forma, pode-se afirmar que as tradições judaicas extrapolam o campo puramente religioso, tornando-se parte do dia-a-dia das pessoas e colaborando para a formação de sua filosofia de vida.

As escolas israelitas estão embasadas na filosofia do judaísmo mas, nem por isso, pretendem formar pessoas iguais no modo de pensar a religião

e a vida. Esta afirmação encontra suas bases em tudo o que foi dito no capítulo anterior, dedicado às escolas israelitas.

Por fim, foi possível constatar que as escolas pesquisadas possuem aspectos próprios além daqueles comuns à outras escolas. Este fato foi descrito no capítulo anterior, onde se comentou o currículo de cada uma destas instituições.

O que se pode notar é que o fato destas instituições estarem voltadas para seus objetivos religiosos não as comprometem com os padrões educacionais de modo geral. São procuradas por alunos não judeus que confiam em seu modo de ensino, também pelo fato de terem em mente o mito de que todo judeu é inteligente, tendo boa aprovação no vestibular, não tendo envolvimento com drogas e criando a idéia de que tudo se dá dentro das escolas. São instituições eficientes na missão de educar e preparar para a vida, mas muito do resultado obtido deve-se às bases religiosas nelas assimiladas e não somente à sua atuação pedagógica.

Bibliografia Consultada

ALVES, Rubem. O que é religião. São Paulo: Brasiliense, 1984

CAVALCANTI, Rosa Maria N. Tavares. Raízes filosóficas do pensamento de Carl Rogers. PUC/RJ (Tese de Mestrado, cópia mimeografada), 1977

DICIONÁRIO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987

GILES, Thomas Ramson. História do existencialismo e da fenomenologia. São Paulo: EPU, 1975, 2 v.

GUSDORF, Georges. A agonia da nossa civilização. São Paulo: Convívio, 1982

KUMMER, Rebeca. Documento do Departamento de Ensino Religioso Judaico. Rio de Janeiro, 1981.

LIMA, Venício Artur de. Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

LUDWIG, Lewisohn. O que é a herança judaica. Rio de Janeiro, B'naiB'rith, S/D

ROTH, Leon. O pensamento judeu como fator de civilização. Rio de Janeiro: Biblos, 1964

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo, Brasiliense, 1983